# MUDANÇAS CLIMÁTICAS, CAMADA DE OZÔNIO E GOVERNANÇA GLOBAL

Luiz Carlos Baldicero Molion*

Um ***resfriamento global***, com invernos rigorosos mais frequentes e má distribuição de chuvas, é esperado nos próximos 20 anos, em vez do aquecimento global antropogênico (AGA) alardeado pelo Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC). O AGA não passa de uma hipótese sem base científica sólida e suas projeções do clima futuro, feitas com modelos matemáticos, são meros exercícios acadêmicos, inúteis quanto ao planejamento do desenvolvimento global. Seu pilar básico é a intensificação do ***efeito-estufa*** pelas ações humanas emissoras de dióxido de carbono ($CO_2$) e metano ($CH_4$) por meio da queima de combustíveis fósseis e de florestas tropicais, das atividades agrícolas e pecuária ruminante. Porém, o efeito-estufa jamais foi comprovado e sequer é mencionado nos textos de Física. Ao contrário, há mais de 100 anos, o físico Robert W. Wood demonstrou que seu conceito é falso.

As temperaturas já estiveram mais altas, com concentrações de $CO_2$ inferiores às atuais. Por exemplo, entre 1925 e 1946, o Ártico, em particular, registrou aumento de 4°C com $CO_2$ inferior a 300 ppmv (atualmente 390 ppmv). Após a Segunda Guerra, quando as emissões aumentaram significativamente, o clima global resfriou até metade dos anos 1970. Ou seja, é obvio que o $CO_2$ não controla o clima global e reduzir suas emissões, a um custo enorme para a sociedade, não terá impacto algum no clima. Como mais de 80% da matriz energética global dependem dos combustíveis fósseis, reduzir emissões significa reduzir a geração de energia elétrica e condenar países subdesenvolvidos à pobreza eterna, aumentando as desigualdades sociais no planeta. Esta foi, em essência, a mensagem central da carta aberta entregue à Presidenta Dilma Rousseff antes da Conferência Rio+20, assinada por 18 cientistas brasileiros, entre os quais este autor.

A trama do AGA não é novidade e seguiu a mesma ***receita*** da suposta destruição da camada de ozônio ($O_3$) pelos clorofluorcarbonos (CFC) nos anos 1970 e 1980. Criaram a hipótese que moléculas de CFC, 5 a 7 vezes mais pesadas que o ar, subiam a 40-50 km de altitude, onde ocorre a formação de $O_3$, e cada átomo de cloro liberado destruiria milhares de moléculas de $O_3$, reduzindo sua concentração e permitindo maior entrada de radiação ultravioleta na Terra, o que aumentaria os casos de câncer de pele e eliminaria milhares de espécies de seres vivos. Reuniões com cientistas, inclusive de países subdesenvolvidos, foram feitas para dar um caráter pseudocientífico ao problema inexistente, foi criado o ***Painel de Tendência de Ozônio*** no âmbito do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), composto de representantes de governos, e elaborado o Protocolo de Montreal em 1987, que foi assinado pelos países subdesenvolvidos sob ameaças de sanções econômicas caso não o fizessem. O Brasil também assinou para ter sua dívida externa renovada. Em 1995, os autores das equações químicas, que, alegadamente, destruíam o $O_3$, receberam o Nobel de Química. Porém, em 2007, cientistas do Jet Propulsion Laboratory da NASA demonstraram que suas equações não ocorrem nas condições da estratosfera antártica e que não são a causa da destruição do ozônio. O AGA seguiu os mesmos passos, com as reuniões científicas, a criação do IPCC, o Protocolo de Kyoto e o Nobel (da Paz?) para o IPCC e Al Gore. Essas foram duas tentativas de se estabelecer ***uma governança global***. Qual será o próximo passo? A Plataforma Intergovernamental de Políticas Científicas da Biodiversidade e Serviços (IPBES)?

Luiz Carlos Baldicero Molion é Físico pela USP, PhD em Meteorologia pela Universidade de Wisconsin, EUA e Professor Associado da UFAL, Maceió, AL.